

[LILI VARELLA]

Viajante-mor por natureza, acredita que em qualquer ponto do mundo sempre haverá alguém com uma boa história para contar ou uma imagem marcante para se ver. Formada em Turismo, optou por ser empresária da noite tendo o Drosophyla Bar como o seu gabinete de curiosidades.

E-mail: lilimv@terra.com.br

O outro universo chinês: minorias étnicas



Mulheres Flower Miao e seus arquitetônicos cabelos

O povo chinês é formado pela maioria étnica Han e por 55 minorias. Imagine sua riqueza, sua diversidade de cultura, manifesta na língua, na indumentária, na culinária. Uma explosão de multiculturas dentro de um país!

As minorias étnicas normalmente vivem em áreas remotas e de difícil acesso. A dica para conhecê-las é visitar os mercados. É neles que podemos ver e ouvir, mas não necessariamente entender, as minorias. É onde se dá a venda ou a troca de mercadorias produzidas e é lá que todos se reúnem para encontrar amigos e contar histórias. Em cada região, esses mercados-feiras têm dia certo para acontecer. As pessoas vestem suas melhores roupas; as mulheres vão "montadas", adornadas dos cabelos às pernas... os pés ficam esquecidos.



Minoria Shui voltando do mercado



Mulheres Dong fiando

Durante minhas viagens pela China, a província de Guizhou, considerada uma das mais pobres do país, foi a que mais me impressionou. Guizhou é uma região montanhosa com bastante água, enormes terraços de arroz, campos verdes, plantações por toda parte – agricultura de subsistência – e, pasmem: reflorestamento! Há casas de madeira em tons escuros com até dois andares cuja parte inferior tem estábulo para animais ou estoque de colheita. Essa província abriga as minorias Miao e Dong e, em menor número, os povos Yi, Hui, Bai, Tujiao, Shui, Gejia, Gelao.

[68]

Miao é uma das mais importantes minorias chinesas; seu povo vive espalhado em todo o sudoeste da China e a região fronteiriça – Mianmar, Laos, Camboja, Vietnã – e recebe também o nome de Hmong ou Mong. Os Miao subdividem-se em Flower Miao, Black Miao, Changjiao Miao (chifres longos) e ganharam fama por suas roupas e joias, que variam de lugar para lugar e de subgrupo para subgrupo.

Os Miao destacam-se como produtores de ornamentos de prata. São habilidosos e produzem colares enormes, gargantilhas de todas as formas: estreitas, largas, com poucos detalhes, com muitos guizos, gigantescas coroas cheias de pormenores e recortes. Da mesma forma, sobressaem-se com os bordados. As meninas aprendem a bordar a partir dos 7 anos. A roupa compõe-se de saia plissada – às vezes, minissaia, que dá origem a mais um subgrupo, as “minissaias Miao” – e jaqueta de algodão transpassada, frequentemente escura, com palas ricamente bordadas e... colares, muitos colares de prata chinesa.

Além do uso da prata, os penteados chamam muita atenção. É inimaginável a capacidade criativa quando o assunto é inventar desenhos e formas usando apenas cabelo e, dependendo do grupo, ainda agrega cabelo de seus antepassados – deixados de geração em geração – que, colocados na cabeça, formam volumes fartos e intrigantes.

A base da roupa é sempre o preto e por cima uma explosão de cores e bordados. Os homens usam apenas uma vestimenta escura – calça estilo pescador e uma jaqueta também de tecido escuro transpassada na cintura. Os tecidos, muitas vezes, são produzidos na própria vila onde moram. É comum defrontar-se com enormes tiras de tecidos secando nas janelas, após serem tingidos com plantas locais, a maioria de algodão produzido e fiado ali mesmo, como no caso do povo Dong.

Chegar ao vilarejo Dong requer tempo e paciência. Depois de muita estrada de terra e de subir várias montanhas, avista-se lá de cima uma enorme torre escura de madeira, estilo pagode, chamada de torre do tambor, alta e imponente, e lá embaixo, junto à torre, centenas de casas também de madeira escura e um riacho ao lado do caminho principal. Ao descer, deparei-me com umas 20 mulheres, todas vestidas com uma saia plissadíssima num tom azul profundamente escuro – tingimento natural realizado com folhas de índigo negro – e com um casaco feito de tecido meio brilhante obtido com couro e sangue de búfalo, coberto posteriormente com uma mistura de clara de ovo, que dá esse aspecto cintilante, que chamamos de *chintz*. Nos



Bebê Miao em traje típico



Será que as crianças darão continuidade ao estilo Miao?

Fotos: Lili Varela

punhos e na pala, cores fortes em tons de azul, lilás e fúcsia, e um avental sempre nas cores azulão ou turquesa. Da canela ao joelho, simulando uma bota, panos enrolados; um colar jogado nas costas – um quadrado maciço de prata em forma de dado sextavado – e cabelos brilhantemente negros, formando impecáveis coques altos presos por pentes plásticos. Algumas enfeitavam suas cabeças com tecidos escuros criando intrincadas esculturas. Também observei que usualmente trajam camadas e camadas de roupas (*layers*).

Uma dessas mulheres segurava uma grande geringonça de madeira com uma manivela, duas outras a ajudavam a enrolar os finos fios que passavam por essa engenhoca, e as restantes apoiavam uma enorme meada de algodão que circulava como uma serpente por todo o caminho da vila. Sim, elas estavam transformando a meada em uma peça inteira de tecido.

Fiquei ali parada, vendo aquilo, aquelas roupas, aqueles colares, as falsas botas... os patos nadando no córrego onde uma mulher lavava o cabelo... tecidos recém-tingidos secando nas varandas das casas... homens com suas roupas escuras e cintilantes, com turbantes enroscados na cabeça, fumando... galinhas roubando o arroz colhido que fora colocado no chão para secagem, e me dei conta do grande antagonismo presente na China. Na verdade, parecem ser duas Chinas: uma, gigante, industrial, com enormes tecelagens, considerada o maior país exportador de tecidos do planeta; a outra, representada por quase todos os povoados que visitei, onde as mulheres fabricam seus tecidos e praticamente toda casa possui um tear. A China tradicional existe à margem da modernidade presente em parte do país, ainda que nos campos haja sinais de mudança. Em todos os mercados por que passei, percebi que as crianças e os jovens usam roupas "modernas" e os homens adotam cabelos com cortes bem atuais, que confrontam os padrões locais.

Nesses tempos de transformações, pergunto-me: por quanto tempo essas tradições e belezas extraordinárias sobreviverão?

[89]

SAIBA MAIS

BAILEY, Alison et al. China: a portrait of the people, place and culture. Londres: Dorling Kindersley, 2008.

www.china.org.cn/e-groups/shaoshu/shao-2-dong.htm

www.china.org.cn/e-groups/shaoshu/shao-2-miao.htm